

Rafael Valença-1

Patrícia Del Nero Velasco-2

1-Universidade Federal do ABC - UFABC

2-Universidade Federal do ABC - UFABC

Segundo uma perspectiva psicológica, a angústia está associada ao sentimento de sufocamento, à ansiedade, à insegurança, à falta de humor e à dor. Neste sentido, compreende uma doença e carece, pois, de tratamento. Interessa ao presente trabalho, contudo, outra perspectiva de angústia, qual seja, a filosófica.

A angústia filosófica provém do questionamento do mundo e das coisas, o qual, por sua vez, decorre daquilo que é inerente ao ser humano pensante: a curiosidade e a procura da verdade. Embora este tipo de angústia não seja considerado uma patologia, guarda certas semelhanças com a angústia psicológica, pois pode causar ansiedade àqueles que buscam explicações e respostas para as mais variadas questões do mundo. Ademais, caracteriza-se como uma inquietação metafísica e moral:

Os filósofos contemporâneos, depois de se terem durante algum tempo comprazido na inquietação, servem-se hoje da palavra “angústia” para designar esta consciência do nosso destino pessoal que nos tira a cada instante do nada abrindo diante de nós um futuro no qual a nossa existência se decide. (LAVELLE apud LALANDE, 1993, p. 67-68)

Para o propósito deste trabalho, tomar-se-á o termo angústia neste sentido de inquietação metafísica e moral. Uma aflição essencialmente humana e que, como tal, acompanha os seres humanos desde sempre, seja com relação aos anseios pessoais, profissionais ou... na escola. Tem-se como objetivo apresentar a fundamentação teórica e alguns resultados de uma pesquisa realizada no âmbito do PIBID-Filosofia da UFABC, a qual subsidiou a criação de um plano de aula cujo tema central é a angústia filosófica.

Toma-se como ponto de partida para o plano de aula resultante da pesquisa-cerne deste trabalho algumas questões usualmente colocadas em diferentes fases da vida: 1 – Qual o meu nome? 2 – O que eu sou? 3 – De onde eu vim e para onde eu vou? 4 – Qual o sentido da vida?

A partir de uma H.Q. de Carlos Ruas, intitulada Primeiros esboços 3, pergunta-se aos alunos de que modo responderiam as questões acima. Imagina-se que com exceção da primeira, as três últimas respostas exijam alguma reflexão e, provavelmente, seriam respondidas com alguma dificuldade.

Embora o termo angústia apareça com maior frequência entre os filósofos contemporâneos, as inquietações de cunho metafísico e moral estão associadas à Filosofia desde o nascimento desta. Foram questionamentos desta natureza que fizeram emergir o que podemos chamar de pensamento filosófico. Dada à dificuldade que temos para responder as referidas inquietações, construiu-se historicamente a imagem de que a Filosofia é uma forma de pensar acessível a poucos. Não obstante, a Filosofia está na escola e, contra a tradição que a entende como de difícil compreensão, procuraremos mostrar que as inquietações filosóficas perpassam as angústias de todo ser humano.

A fim de fazer um recorte no tema proposto, tomaram-se como pressuposto teórico os escritos de Jean-Paul Sartre (1987), nos quais se evidenciam as relações entre a angústia e o existencialismo, filosofia proposta pelo referido autor.

O homem sartriano não é mais do que o que ele faz: o que importa são seus atos, sendo que o homem concebe a ele próprio toda a responsabilidade pela construção da verdade a partir de suas ações. Em outras palavras, o homem se faz na ação. Um homem pode projetar, mas só será interpretado por outros homens segundo suas atitudes. “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (SARTRE, 1987, p. 6).

Como não há um parâmetro absoluto que determine o certo e o errado, e a liberdade de agir está necessariamente vinculada à responsabilidade sobre as ações, toda ação é fruto de uma intenção e conduz à angústia. Quem legitima as coisas, pensamentos, ações, é o homem. Homem este que não

escolhe nascer, mas à medida que é o responsável pelo que constrói, concebe-se livre, ou, nas palavras de Sartre, é condenado a ser livre. Eis a condição genuinamente humana.

De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. [...] Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. [...] escolhendo-me, escolho o homem. (SARTRE, 1987, p. 6-7)

Tomando-se como foco as atitudes humanas e todas as micro relações existentes entre os seres humanos, tem-se que as ações individuais, para Sartre, implicam em projeções para toda a humanidade. O homem deve ter consciência daquilo que ele quer ser, pensando que este querer dirá, em alguma medida, a imagem pretendida para todos os outros. Para o autor, isso é um incitador de angústia, como fica claro na seguinte passagem:

Tudo isso permite-nos compreender o que subjaz a palavras um tanto grandiloquentes como angústia, desamparo, desespero. Como vocês poderão constatar, é extremamente simples. Em primeiro lugar, como devemos entender a angústia? O existencialista declara freqüentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que estas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: mas se todos fizessem o mesmo?, eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo. Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? e não podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser através de uma espécie de má fé. Aquele que mente e que se desculpa dizendo: nem todo mundo faz o mesmo, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo quando ela se disfarça, a angústia aparece. (SARTRE, 1987, p. 7)

Total e profundamente responsável, o homem é, para o existencialismo, angústia. E a Filosofia, neste contexto, que papel exerce? O filosofar traz o compromisso com o pensar, com o sentido articulado e, por conseguinte, com o outro: não se pode julgar sem compreender o outro. A nossa existência tem sentido? Passa a tê-lo ao questionarmos – ao optarmos, conferimos sentido à nossa própria existência.

Com o intuito de, a partir do excerto de Sartre, demonstrar a angústia gerada por tentar entender a si, entender aquilo que se é e o que não é, tendo a consciência que suas ações interferem no mundo e este por sua vez reflete para o ser as consequências de certas atitudes tomadas como válidas, na continuidade do plano de aula gerado pela pesquisa cujos resultados são aqui expostos, se fará uso de uma H.Q. de Carlos Ruas, intitulada Sócrates, a qual traz a famosa inscrição no templo de Delfos que resume o propósito filosófico de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”.

Ele [Sócrates], que reiteradamente teria afirmado não possuir ciência alguma, não teria também declarado ter aceito a missão de ajudar os homens a se voltarem para o conhecimento de si mesmos, para o desbravamento da própria subjetividade, tentando a conquista da própria alma? Sócrates remete seu desifrador à própria consciência, oferecendo-lhe uma ocasião para se conhecer a si mesmo. (PESSANHA, 1987, p. XIV-XV)

A análise da H.Q. supracitada pretende se ater a outra fonte da angústia filosófica que não a escolha. Trabalhar-se-á o descontentamento e a ansiedade causados pela ignorância. É papel da Filosofia se ocupar da busca pelo fundamento de todas as coisas, pelo entendimento do que seja verdadeiro, pela ciência de que a consciência da ignorância é condição para a busca de conhecimentos. A vontade da verdade, a busca pelo desconhecido, por sua vez, carrega consigo a angústia da ignorância, o desejo de saber e conhecer, a busca pelas respostas daquilo que nos intriga. E é isso a base da Filosofia, o seu princípio primeiro e fundamental, a consciência da ignorância e o descontentamento angustiante desta sabedoria.

Pretende-se que os alunos do Ensino Médio vislumbrem que o conhecimento nasce da angústia, pois esta é consequência do desconhecido. Espera-se evidenciar que o descontentamento do ser perante aquilo que não lhe é familiar é força motora que o impele à busca do entendimento do homem e da natureza. Ademais e por fim, o plano de discussão resultante da pesquisa aqui exposta tem como objetivo aproximar a Filosofia dos estudantes,

apresentando-a como uma área em que a angústia fundamentalmente humana (seja por estar associada à liberdade, seja por acompanhar a busca pelo conhecimento) é, deliberadamente, afrontada.

Pode-se afirmar que os conteúdos específicos da filosofia são as questões fundamentais que todo ser humano se coloca durante sua vida. Elas são comuns a todas as pessoas. As reflexões críticas, profundas, metódicas e abrangentes sobre elas geram respostas que não são definitivas; entretanto, servem aos seres humanos como referências para suas vidas. (LORIERI; RIOS, 2008, p. 24)

Como afirma Lorieri e Rios (2008), há questões que o homem busca responder desde sempre e que conferem sentido (significado e direção) à vida humana: O que é ser gente? O que é a realidade? Como as ideais se formam em nossa consciência? Por que damos mais valor a certas ações do que a outras? Por que os seres humanos produzem arte? O que significa liberdade? Questões que foram colocadas e recolocadas no decorrer da história, mas que permanecem presentes: “os homens de hoje continuam a se colocar problemas sobre eles mesmos, sobre a vida, sobre a sociedade, sobre a cultura, sobre o transcendente etc., que constituem verdadeiros desafios à nossa atividade reflexiva” (JAPIASSU, 1997, p. 104).

Ao se constituir a partir do afrontamento de questões fundamentalmente humanas, a Filosofia deve ser entendida como experiência imprescindível a todo aquele que não se contenta em aceitar os referenciais que cada contexto histórico inevitavelmente impõe. Como anteriormente afirmado, a partir da pesquisa sobre a angústia filosófica que se configura a partir da necessidade de escolha do homem condenado a ser livre e do ser humano que, consciente de sua ignorância, deseja aprender, construiu-se um plano de aula envolvendo H.Q.'s que pretende apresentar os problemas filosóficos clássicos como questões próximas ao estudante da educação básica. O relato da experiência de execução do plano de aula mencionado, todavia, deverá ser mote de um próximo trabalho.

A experiência didática não foi realizada ainda, devido ao calendário do colégio. Por esta razão, optou-se por apresentar este resumo no formato de “Relato de Pesquisa” e não como “Relato de Experiência”. Entende-se que se trata de uma pesquisa documental (com as características específicas desta na área de Filosofia) e, como tal, prescinde dos questionamentos apontados no Parecer – tendo em vista que as pesquisas em Filosofia possuem um cunho, no mais das vezes, estritamente teórico. Não obstante, e atendendo

às solicitações, o plano de aula embasado na pesquisa relatada tem como público alvo os alunos do primeiro ano do Ensino Médio (as salas possuem em média 42 alunos, entre 15 e 16 anos), os quais estão tendo seu primeiro contato com a Filosofia. Neste sentido, primeiramente serão apresentados os dois quadrinhos a que o trabalho se refere, ambos sobre questões filosóficas, e a partir deles os alunos deverão responder as perguntas que são propostas, e constam já no resumo, a fim de demonstrar que nossa curiosidade sobre vários aspectos geram ansiedade e angústias. Após ter as respostas dos alunos em mãos (será pedido que cada um responda individualmente em uma folha de papel a ser entregue ao término da atividade), serão discutidas algumas respostas, a fim de criar uma resposta única de toda a turma. A atividade não visa uma avaliação, apenas o despertar dos alunos para a vontade de aprender, conhecer como a Filosofia surgiu, não ensinando a História desta, mas sim demonstrando como os primeiros filósofos começaram a pensar e querer achar respostas para perguntas inquietantes que todos nós fazemos em algum momento de nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAPIASSU, Hilton. Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje. São Paulo: Letras & Letras, 1997.
- LAVELLE apud LALANDE, André. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LORIERI; Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azerêdo. Filosofia na escola: o prazer da reflexão. São Paulo: Moderna, 2008.
- PESSANHA, José Américo Motta. “Sócrates; vida e obra”. In: Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. VII-XXII. (Os Pensadores)
- SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)

Área: Filosofia

Palavras-chave: Angústia Filosofia Aprendizado